

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CÍCERA SIMONE ALMEIDA GONÇALVES

A DIREÇÃO DO TRATAMENTO PSICANALÍTICO NA CLÍNICA DA PERVERSÃO

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2022

CÍCERA SIMONE ALMEIDA GONÇALVES

A DIREÇÃO DO TRATAMENTO PSICANALÍTICO NA CLÍNICA DA PERVERSÃO

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Raul Max Lucas da Costa

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2022

CÍCERA SIMONE ALMEIDA GONÇALVES

A DIREÇÃO DO TRATAMENTO PSICANALÍTICO NA CLÍNICA DA PERVERSÃO

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 27/06/2022

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Raul Max Lucas da Costa

Membro: Prof. Esp. Cícera Jaqueline Sobreira Andriola/UNILEÃO

Membro: Prof. Dr. Francisco Francinete Leite Junior/UNILEÃO

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2022



CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CICERA SIMONE ALMEIDA GONÇALVES

A DIREÇÃO DO TRATAMENTO PSICANALÍTICO NA CLÍNICA DA PERVERSÃO

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2022

A DIREÇÃO DO TRATAMENTO PSICANALÍTICO NA CLÍNICA DA PERVERSÃO

Cicera Simone Almeida Gonçalves¹

Raul Max Lucas da Costa²

RESUMO

A presente pesquisa tem como finalidade geral analisar como decorre a direção do tratamento psicanalítico na clínica da perversão. E, por conseguinte, como objetivos específicos: historicizar a categoria perversão e situar a contribuição clínica da psicanálise; contextualizar a estrutura da perversão na perspectiva de Freud e Lacan e elucidar o manejo da direção do tratamento na clínica da perversão por parte do analista. Quanto ao método, este decorreu em dois momentos: enquanto pesquisa qualitativa, de natureza básica, visto que teve como método de aquisição de informações a pesquisa bibliográfica e pesquisa em psicanálise. Por meio das indagações, se verificou que a perversão é apreendida enquanto ação desviante no que se refere ao objeto e alvo sexual, ou seja, a reprodução simbolizando a perversão polimorfa e também em seu sentido estrutural. Em termos lacanianos, o perverso diante da angústia de castração, adere a denegação como mecanismo de defesa, que se caracteriza pelo o sujeito se recusar a aceitar a ausência de falo no Outro. Utilizando da denegação o sujeito aceita a diferença existente entre os sexos, mas não a considera, criando, assim, o fetiche para ocupar o lugar do falo inexistente. Então, o sujeito perverso acata a angústia de castração usando do fetiche, mas com o intuito apenas de transgredi-la. Logo, o analista deve ser atuar como historiador na análise, conseqüentemente, fazendo o sujeito perverso ponderar sobre suas tramas sexuais e sobre aquilo que ele nega, a castração.

Palavras-chave: Psicanálise. Perversão. Direção do tratamento. Ética do desejo. Transferência.

ABSTRACT

The present research has the general purpose of analyzing how the direction of psychoanalytic treatment takes place in the clinic of perversion. And, therefore, as specific objectives: to historicize the category of perversion and situate Freud's clinical contribution; contextualize the structure of perversion from the perspective of Freud and Lacan and elucidate the handling of the treatment direction in the clinic of perversion by the analyst. As for the method, it took place in two stages: as a qualitative research, of a basic nature, since it had as a method of acquiring information the bibliographic research and research in psychoanalysis. Through the inquiries, it was found that perversion is apprehended as a deviant action with regard to the object and sexual target, that is, reproduction symbolizing polymorphic perversion and also in its structural sense. In Lacanian terms, the pervert in the face of castration anxiety adheres to denial as a defense mechanism, which is characterized by the subject refusing to accept the absence of phallus in the Other. Using denial, the subject accepts the difference between the sexes, but does not consider it, thus creating the fetish to take the place of the non-existent phallus. So, the perverse subject accepts the castration anxiety using the fetish, but with the sole intention of transgressing it. Therefore, the analyst must act as a historian in the analysis, consequently, making the perverse subject ponder his sexual plots and what he denies, castration.

¹ Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: simone_goncalves_ce@hotmail.com

² Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: raulmax@leaosampaio.edu.br

Keywords: Psychoanalysis. Perversion. Treatment direction. Ethics of desire. Transfer.

1 INTRODUÇÃO

Em primeira instância, para situar às discussões pertinente à relação dentre a ciência e a psicanálise, considerando o estatuto do inconsciente, sentiu-se a necessidade de designar a respeito da psicanálise enquanto conceito. Para tanto, ratificam Roudinesco e Plon (1998), que a psicanálise é tida enquanto um método de caráter investigativo tanto de processos conscientes como inconscientes, cuja principal regra, no momento analítico, consiste na Associação Livre. Este método, elaborado por Freud, admite ao analista, a partir da fala do analisando, ter acesso as formações inconscientes efetuadas pelo sujeito como, por exemplo, fantasias, atos falhos, sonhos, chistes, etc.

Nessa direção, a compreensão no que diz respeito ao desenvolvimento psicanalítico, este atravessa diversas nuances, especialmente, no tocante a inversão do pressuposto cartesiano simbolizada pelo “penso, logo existo” e reintroduzida por Lacan como “sou onde não penso”, cuja máxima possui estreita relação com o objeto a (enquanto causa do desejo), isto é, um para-além ou para-aquém do campo da linguagem. Assim, tal premissa acaba permitindo duas faces (realidades): a primeira voltada para o consciente e a segunda para o inconsciente (QUINET, 2000; FINK, 2014).

De tal modo, a veracidade do sujeito exposta se relaciona justamente a colocação realizada por Lacan no qual afirma que o sujeito sobre o qual opera a psicanálise refere-se também ao sujeito da ciência (QUINET, 2000; FINK, 2014), isto é, tal perspectiva pode ser percebida por meio de vertentes: (1) simbolizada através do viés de que o sujeito para o viés psicanalítico de nada tem vínculo para a noção de um eu; (2) que há um sujeito que perpassa igualmente o campo da ciência e; (3) que ambos (os sujeitos) se estabelecem como um. Desse modo, se ressalta é que o sujeito tanto para o saber psicanalítico como científico, embora iguais, a distinção toma corpo ao modo como cada perspectiva opera sobre esse sujeito. Se no âmbito científico o manejo do sujeito está direcionado a pessoa ou como aponta Descartes, no pensamento, em contraponto, na psicanálise, o sujeito é apreendido através das dimensões de desejo e gozo, como um falta-a-ser, visto que o sujeito se apresenta no pensamento enquanto ausente, enquanto pensamento barrado.

De acordo com Freud (1996), o inconsciente pode ser entendido como uma instância inclinada no cuidar de nossa vigília, assim como atua de forma decisiva frente as ações realizadas pelos sujeitos tanto a nível voluntário como involuntário. Como se sabe, a ideia de

inconsciente caracteriza-se como uma pedra angular que perpassa todo o desenvolvimento do saber psicanalítico. Foi através dos atendimentos realizados com as histéricas que Freud passou a constituir uma suspeita pertinente a questão do inconsciente e fantasia, visto que notou que as reminiscências por parte das histéricas representavam resquícios de lembranças cujo teor era traumático. A designação de Freud dada para os traumas estava associada a impressões que não poderiam ser representadas pelo psiquismo.

Concernente a clínica psicanalítica das perversões, Ferraz (2010), ressalta que, como é sabido, raramente um perverso busca análise para tratar-se das suas mazelas, já que o mesmo não está sujeito a quaisquer modos de insatisfação ou angústia, devido ao ato da perversão se associar ao asseguramento do gozo tido como algo satisfatório e admirável. Todavia, o afeto demasiado a sua forma de gozo específico e compulsório, bem como pela utilização da denegação e dissociação do Eu enquanto recurso protetivo contra a castração, isso finda por conduzir o perverso a longo prazo a um vazio, conseqüentemente, o fazendo experimentar sofrimento. A procura pelo tratamento analítico por parte do perverso é intermediada por uma série de recusas e sintomas tidos como satisfatórios que acabam dificultando a sua entrada em análise, sendo necessário na direção do tratamento o uso de intervenções distintas das realizadas na clínica da neurose e psicose.

Dada essa dificuldade do perverso em procurar tratamento psicanalítico, se verificou uma limitação de literaturas publicadas a respeito da temática, o que, conseqüentemente, me ocasionou alguns obstáculos teóricos-metodológicos na perspectiva da psicanálise para embasar o presente estudo. No entanto, por meio das leituras e discussões realizadas se pode visualizar aberturas ou direcionamentos no que tange a clínica psicanalítica da perversão.

No decurso histórico relacionado a perversão, a psicanálise pensou a mesma para além de uma perspectiva moral e médico-legal, a colocando como aspecto central no processo de constituição do sujeito. No que diz respeito a perversão enquanto poliforma, Freud (1927/2007), denomina como ato sexual dito normal, o ato em que há a aquisição de prazer (orgasmo) por penetração na genitália para com um indivíduo do sexo oposto ou não. Todavia, existe perversão quando o orgasmo é alcançado por meio de outros objetos sexuais ou por outras zonas erógenas (como sexo anal) e quando o orgasmo envolve condições extrínsecas como fetichismo, voyeurismo e exibicionismo, sendo que essas condições podem proporcionar, por si só, a obtenção de prazer sexual.

Freud (1905/1996), no âmbito das perversões aborda igualmente o masoquismo e o sadismo como aspectos que compõe a sexualidade humana. No masoquismo, o sujeito não experimenta apenas o prazer na dor, mas também por vias de submissão ou humilhação. Já no

sadismo, acontecimento primário em relação a condição masoquista, este é direcionado ao outro que é colocado enquanto objeto de satisfação.

À guisa de maior entendimento, o texto denominado O Fetichismo é necessário à medida que oferece uma visão mais aprofundada sobre a estrutura perversa. Neste texto, Freud (1927/2007), investigou o porquê que determinados analisandos escolhiam seus objetos sexuais mediados por algum fetiche. Observou, dessa forma, que tal escolha era devido a uma experiência vivenciada na tenra infância, sendo esta (experiência) vinculada à visualização do órgão genital feminino pela primeira vez.

Assim, Freud o considerou como uma perversão sexual, caracterizada pelo fato de um componente do corpo ou um objeto serem selecionados como substitutos de um indivíduo, em seguida para determinar uma escolha perversa, onde o objeto de amor (componentes corpóreos ou objetos vinculados para com o corpo do sujeito) funciona para o sujeito enquanto um suplente de um falo conferido à mulher, e cuja falta é abdicada por uma renegação, representando o fetiche, de tal modo, como o substituto do falo da mulher (da mãe) no qual acreditava a criança e ao qual se sabe porque a mesma não quer renunciar (FREUD, 1927/2007).

Considerando isso, a presente pesquisa visou contribuir em três dimensões: (1) acadêmica, pois a partir das leituras, indagações e produções, conseqüentemente, serão fornecidas informações que permitirão uma maior análise sobre a estrutura da perversão e, portanto, abrindo espaço para novas possíveis leituras, arranjos, intervenções e direcionamentos frente ao tratamento no que se refere ao campo da clínica psicanalítica da perversão; (2) no que tange ao aspecto profissional, de modo sucinto, a aquisição dos saberes e práticas no campo psicanalítico servirá futuramente de embasamento para o manejo clínico enquanto praticante da psicanálise e; (3) social, visto que como é sabido, à medida que as leituras e reflexões avançam isto irá contribuir expressivamente para a aplicação de intervenções precisas e relevantes no âmbito da clínica para com o sujeito perverso.

Diante dessas premissas, surge a seguinte pergunta-problema: como se dá a direção do tratamento psicanalítico na clínica da perversão?

Logo, o presente estudo tem como objetivo geral, entender como decorre a direção do tratamento psicanalítico na clínica da perversão. E, por conseguinte, como objetivos específicos: historicizar a categoria perversão e situar a contribuição clínica de Freud; contextualizar a estrutura da perversão na perspectiva de Freud e Lacan e elucidar o manejo da direção do tratamento na clínica da perversão por parte do analista.

2 METODOLOGIA

O presente estudo decorreu em dois momentos: (1) enquanto pesquisa qualitativa, de natureza básica, visto que teve como método de aquisição de informações a pesquisa bibliográfica e (2) pesquisa em psicanálise.

Postulam Marconi e Lakatos (2011), que a pesquisa qualitativa é visualizada como um método centrado no aprofundamento frente ao que a pesquisadora demonstra interesse. Já pertinente a pesquisa de dimensão bibliográfica, é apreendida como uma ferramenta de caráter metodológico que utiliza como base de dados livros, artigos científicos, revistas, periódicos, documentos, dentre outras produções com rigor científico, visto que tem como finalidade obter informações importantes para embasar o estudo da pesquisadora.

Referente a pesquisa em psicanálise, Figueiredo e Minerbo (2006), a descrevem como um conjunto de práticas direcionadas a construção de saberes que mantêm relações distintas com a psicanálise. Nessa modalidade de pesquisa, esta pode ser usada como instrumento teórico-metodológico para o entendimento de fenômenos sociais, por exemplo, visto que é importante ressaltar que não é necessário a presença de um analista, já que pode ser utilizada por estudiosos de outros campos de estudo.

No que diz respeito aos critérios de inclusão, foram utilizados: (1) as bases de dados LILACS, PEPSIC, SCIELO e BVSPSI; (2) artigos e literaturas publicadas entre os anos de 2016 a 2021, entretanto, as produções de caráter científico que excederem esse critério por causa da sua contribuição para o presente estudo serão considerados; (3) idioma português e; (4) as palavras-chave: perversão e psicanálise; psicanálise, direção do tratamento e clínica da perversão; psicanálise, manejo clínico e sujeito perverso.

Referente aos critérios de exclusão será desconsiderado as literaturas científicas que não são relevantes para a presente pesquisa, onde serão excluídos a partir da leitura do resumo e irrelevância, considerando o objeto de estudo.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 HISTORICIZAÇÃO DA PERVERSÃO E A CONTRIBUIÇÃO FREUDIANA

A terminologia perversão é advinda da palavra do latim *perversione*, no qual tem como significado a ação de se perverter. O ato de perverter se relaciona a características como mau, conduta corruptiva, depravação, podendo se vincular ainda a modificações ou síndromes de uma dada funcionalidade. No contexto da Idade Média, tal terminologia foi utilizada para descrever os hereges ou até mesmo aqueles que romperam com as crenças ou práticas religiosas (FERRAZ, 2010). Referente a sexualidade, a partir do século XVII a mesma foi tratada

enquanto tabu, sendo influenciada pela burguesia e por questões religiosas e morais da época, cujo intuito era assegurar o contexto familiar nuclear e a prática sexual enquanto ação de somente reprodução. Esta interdição a sexualidade se estendeu até os séculos posteriores, sendo reforçada ainda a sua função de reprodução, visto que a sua ação excedente se caracterizaria enquanto desvio (CORRÊA, 2006).

Por volta do século XIX, é possível observar perspectivas epistemológicas a respeito da sexualidade, visto que para fins de elucidação foram elencadas nas discussões abaixo. A ciência passa então a se ocupar na formulação de teorias na tentativa de entender as suas implicações na vida dos sujeitos. Como se sabe, na primeira década desse século, o entendimento da sexualidade ainda estava atravessado por questões de cunho religioso e moral, o que findou contribuindo para a constituição de classificações do que era tido como normal ou desviante, ou atos de perversidade (CORRÊA, 2006).

No discurso médico, a perversão denota outras perspectivas que abrangem a noção de desvio ou alterações das capacidades ditas normais do sujeito, especialmente, no que diz respeito a psiquê e ao campo da sexualidade. A normalidade ou anormalidade no discurso médico e não somente, é reflexo de influências normativas e morais que definem o que é certo ou errado, bom ou mau, perverso ou não (FERRAZ, 2010).

Segundo Julien (2003), na história de classificação do discurso médico-legal, a perversão possui estreita relação com o verbo perversidade, sendo este apreendido por meio do sentido religioso e, sobretudo, moral. A ação de *pervert* aponta para o pressuposto de desviar o bem para o mal, visto que decorrendo isso, seria necessário punir aqueles que transgredissem as leis estabelecidas. Se por um lado, havia um interesse por parte dos religiosos em definir limites e em punir os sujeitos perversos, de outro, o posicionamento médico-legal ratifica uma tripla funcionalidade como delimitar os limites, aplicar punições aos transgressores, além de assegurar maior segurança a sociedade. A grande problemática desses discursos quer seja religioso, moral e médico-legal é que durante várias décadas a perversão foi entendida enquanto desvio ou condição patológica, necessitando ser corrigida através de punições.

Ainda no século XIX, se apoiando nas postulações de Krafft-Ebing, Julien (2003, p. 103), explicita que a sexualidade se associa a perversão já que a busca na obtenção de prazer pode inclinar o sujeito a anormalidade, isto é, a manifestação do instituto sexual que não esteja vinculada a reprodução é tido como perversa. Assim, o desvio do bem para mal representaria a subversão tanto do objeto (reprodução) como de sua finalidade (prazer sexual), no qual se altera conforme o contexto. Em Krafft-Ebing, as perversões são classificadas por meio de duas vertentes: (1) “em que o objetivo da ação é perverso e é preciso pôr aqui o sadismo, o

masoquismo, o fetichismo e o exibicionismo [...]” e (2) “aquelas em que o objeto é perverso, a ação o sendo quase sempre, em consequência: é o grupo da homossexualidade, da pedofilia, da gerontofilia, da zoofilia e do auto-erotismo”.

Entre o final do século XIX e início do século XX, Sigmund Freud se dedicou a estudar temáticas polêmicas e inovadoras, incluindo a sexualidade. A sua maior contribuição para o campo da sexualidade foi à obra intitulada *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (FREUD, 1905/1996). Quanto a isso, Freud foi um pensador singular, contribuindo, sobretudo, na compreensão da sexualidade humana e seus “desvios”, a exemplo da perversão. Através desta obra, defendeu que a sexualidade humana não é somente vinculada a necessidades de caráter biológico, mas igualmente pulsionais. Neste momento, compreende-se uma distinção basilar, isto é, a diferenciação entre instinto e pulsão. A primeira vinculada a fatores biológicos e a segunda a um processo dinâmico pulsional impossível de se realizar (JORGE; FERREIRA, 2010).

Nos *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905/1996), a perversão é entendida como um ato desviante frente ao objeto e alvo sexual, ou seja, a reprodução. No desvio relacionado ao objeto, estão inclusos os invertidos (homossexuais) e as pessoas que possuem como objeto outros sujeitos imaturos e animais, a exemplo de pedofilia e zoofilia. Pertinente ao alvo, a conduta desviante está conexas ao excedente da prática sexual normal, no qual incluem fetichismo, sexo oral e anal, sadismo, masoquismo, exibicionismo, etc. Todavia, aponta o autor que, os desejos sexuais de caráter perverso compõem o processo constitutivo de todo sujeito, decorrente no período da infância, caracterizando essa condição de perversa polimorfa.

A condição perversa polimorfa decorre quando se consegue prazer por vias de pulsões parciais, estando essas apoiadas nas zonas erógenas como região bucal, anal e órgãos genitais, como igualmente em objetos amorosos infantis, a exemplo da figura materna e paterna. É digno de nota enfatizar que, essa obtenção de prazer a partir das zonas erógenas acontecem em todo o desenvolvimento do sujeito. Afirma o autor que essas inclinações sexuais de caráter perverso nas psiconeuroses não simbolizam apenas uma ancoragem em períodos ulteriores, mas também representa um ato regressivo a estágios anteriores do próprio desenvolvimento do sujeito (FREUD, 1905/1996).

Neste sentido, a perversão é resultado de uma fixação em um período pré-genital que acaba por representar um aspecto fundamental na organização da vida sexual do sujeito, especialmente, no que tange a constituição de suas fantasias perversas. Se ressalta que, tanto no neurótico como no perverso, essas fantasias são presentes, no entanto, devido a distinção no

modo de funcionamento de cada estrutura, o perverso não apenas fantasia, ele as coloca em prática (FERRAZ, 2010).

O sujeito perverso representaria tudo aquilo que o neurótico deseja, todavia não possui permissão para realizar o que almeja. Assim, a perversão simboliza uma forma de sustentação no que diz respeito a sexualidade infantil perversa e polimorfa em fases subsequentes do desenvolvimento humano. Destarte, o que difere a sexualidade infantil da do adulto é que no primeiro caso, respectivamente, não existe nenhum aspecto organizador da sua sexualidade, ao passo que no segundo, as fantasias pré-genitais delineiam a sua vida sexual (FERRAZ, 2010).

Partindo dessas elucidações, Julien (2003), salienta que uma das contribuições mais valiosas de Freud quanto a perversão, é justamente ter possibilitado deslocar a mesma de um viés patológico ou desviante para um ponto central no processo de constituição do sujeito. Aliado a isso, Ferraz (2010), destaca a importância do autor para o entendimento da sexualidade e também da perversão como aspecto potencial em toda pessoa.

3.2 CONTEXTUALIZANDO A PERVERSÃO: DE FREUD A LACAN

O Complexo de Édipo, consiste enquanto um conjunto estrutural de desejos de caráter amoroso e hostil que as crianças direcionam para com os genitores. Sob o modo elucidado positivo, o Complexo de Édipo perpassa a estória do Édipo-Rei: no qual há um desejo de que o rival morra representado pelo indivíduo do mesmo sexo, bem como um intenso desejo libidinal direcionado ao sexo oposto. No que diz respeito a forma negativa, consiste no seu modo contrário, isto é, existe um amor exacerbado diante do genitor do mesmo sexo e um desejo de morte para o sexo oposto. Assim, essas duas perspectivas situam-se em graus múltiplos na denominada estruturação relacional do Complexo de Édipo (JORGE, 2008).

Elucida Freud, que a fase do complexo de Édipo pode visualizada dentre os três aos cinco anos de idade da criança, no qual envolve perpassa as etapas: oral, anal, fálica e genital. Em caráter de entendimento, cada período referente a sua respectiva zona erógena como, por exemplo, na fase oral cujo prazer dar-se pela boca, a criança experiência acentuada satisfação, no entanto, sempre parcial. Deste modo, a finalidade do Complexo de Édipo está inclinada na resolução no que diz respeito a entrada do sujeito na cultural. O autor explica que antes do sujeito nascer já se é desejado e inserido na sociedade, dado que a criança passa por umas etapas do complexo de Édipo até que se caminha para o campo da simbolização, e é nesse momento que é introduzido o Nome-do-Pai, a Lei Paterna (JORGE, 2008; ELIA, 2010).

É importante salientar, que uma das características centrais desse período, além da sua inscrição no campo do simbólico, consiste na inveja do falo por parte do sexo feminino e forte

medo de ser castrado pela figura paterno referente ao sexo masculino, essa passagem demarca justamente a descoberta da distinção anatômica dentre ambos os sexos. Aqui, o Complexo de Édipo e a castração proporcionada por vias de função paterna, findam por possibilitar a implementação da lei, conseqüentemente, emergindo um sujeito cindido. (FREUD, 1905/1996).

Na obra *Édipo* de Costa (2010), a mesma realiza uma leitura dos conceitos elucidados por Lacan, visto que apresenta o Complexo de Édipo como um conceito-chave para a construção da psicanálise. A partir dessa leitura, a autora explica que Lacan concebe tal conceito vinculado a noção de estrutura, indicando-o como uma rede de relações que acontecem no período da infância e que atua como organizador da subjetividade do sujeito desejante. Para Lacan, o Complexo de Édipo possui íntima relação com a metáfora paterna, sendo esta responsável pela resolução pertinente a tríade imaginária figura materna, criança e falo, tendo o desejo materno uma função importante. Pertinente a metáfora paterna, Lacan enfatiza que a sua função central envolve a inscrição do sujeito enquanto faltoso, desejante.

É digno de nota enfatizar que mesmo em meio ao contexto de falta tanto do pai como da mãe, Lacan elucida que essa ausência dos genitores, sobretudo, da figura paterna, não deve ser confundida com a função primordial do pai simbólico, que consiste na inscrição do significante do Nome-do-pai no inconsciente de sujeito, portanto, o introduzindo no campo da norma fálica. A função paterna de nada tem a ver como a função social e biológica, pois, para Lacan, tal papel dar-se de modo lógico (simbólico), que é a de transmitir o Não pertinente a interdição do desejo incestuoso e também a de nomear o filho, implicando a este último um duplo sentido “não ao desejo da criança pela mãe e igualmente Não ao desejo da mãe pela criança” (COSTA, 2010, p. 54). Considerando isso, Dor (1991), salienta que o pai simbólico desempenha uma função que permite ao sujeito se deparar com a distinção dos sexos e, portanto, admitir sua posição sexual. É diante dessa questão, no contexto da dinâmica edipiana, que a criança se direciona imaginariamente a pensar em uma resposta que seja satisfatória.

Quando a criança se depara com a existência da diferença entre os sexos, isto deriva na atribuição fálica da figura materna como tentativa de resolver esse enigma, onde isso demarca o desenvolvimento do complexo de Édipo e da resposta a esse questionamento que a criança faz sobre a não existência do falo na mãe. As hipóteses elaboradas pela a criança diante da situação é que a mãe tem o falo, porém está pequeno, mas crescerá ou tinha e alguém castrou, retirou o falo da mãe. Essa ausência de falo é a consequência do que é denominado de castração (GARCIA-ROZA, 1996; JORGE, 2008).

Considerando o que foi elucidado acima, a atribuição fálica é quando a criança supõe que alguma coisa deveria ter estado lá, no órgão genital da figura materna, todavia, não está e isso é vivenciado como falta. Em virtude disso vale ressaltar que tudo isso se dá no campo do imaginário, do falo, e não propriamente do órgão genital. A criança hesita em abdicar da representação da mãe fálica, pois dessa forma ela se colocaria frente a situação de aceitar a diferença dos sexos. O confronto da castração gera um sentimento de angústia para a criança, pois admiti-la significa aceitar também a possibilidade também de ser castrado (DOR, 1991a).

De maneira a procurar uma forma de suportar a angústia de castração o sujeito admite um mecanismo de defesa, evidenciando assim a hesitação da criança em aceitar a diferença existente entre os sexos feminino e masculino, e a como reagirá ao processo explicitado anteriormente, cujo é delineado como castração. É dessa forma que se constitui as estruturas clínicas (DOR, 1991a).

O perverso diante da angústia de castração, adere a denegação da realidade como mecanismo de defesa, que se caracteriza pelo sujeito se recusar a aceitar a ausência de falo especialmente na mãe, e em todas as mulheres. Com o intuito de substituir essa falta o sujeito cria um fetiche. Utilizando do mecanismo de defesa de denegação o sujeito aceita a diferença existente entre os sexos, mas não a considera, ele simplesmente não quer saber dela, por essa razão o sujeito perverso cria o fetiche, para ocupar o lugar do falo inexistente. No Complexo de Édipo, é o pai imaginário que introduz a identificação fálica. Esse pai imaginário para a criança representa o objeto fálico e assume uma posição de rivalidade com a mãe. A criança quando vem ao mundo pensa que ela e a mãe são um só, e que ela assume o papel de ser objeto único de desejo da sua mãe. O pai vai interferir nesse gozo materno (DOR, 1991b).

Na clínica da perversão, é possível visualizar um resquício da rivalidade direcionado ao pai imaginário por meio do traço estrutural caracterizado enquanto desafio que também aponta para o seu complemento que é o traço de transgressão. A interdição do pai faz com que direcione o curso do desejo da criança. No primeiro momento a criança percebe que não é o único objeto de desejo da mãe, dessa forma a criança infere que há possibilidade do desejo da mãe ser outro que não ela, e este, por sua vez, é de natureza diferente do que é direcionado a criança. Após, a criança percebe que a mãe é ausente, o que implica colocar em pauta o sentimento da criança que a mãe lhe completa e vice-versa, pois agora ela se depara diante da questão que a mãe em nada atende a sua satisfação (DOR, 1991a; JORGE, 2008).

É necessário para a estruturação psíquica essa ação do pai simbólico que atuará na passagem da criança do ser o falo da mãe ao ter, e possibilita que ela veja-o pai simbólico-como tendo aquilo que a mãe deseja, é o depositário do falo. A realização dessa atribuição fálica é o

que possibilita que essa terceira pessoa assuma a posição de pai simbólico necessário para atuar como representante da lei, ou seja, como alguém que de certa forma representa a proibição do incesto (DOR, 1991b).

A criança elabora hipóteses para justificar o porquê a mãe direciona o seu desejo para esse pai simbólico e supõe que como a mãe não possui o falo, ela deseja o pai, pois ela acredita que este é o falo ou o tem. Ou igualmente, elucida que a atitude da figura materna é frente a probabilidade de obter ganhos, portanto, possuir o falo por meio desse pai simbólico. Diante disso o sujeito não aceita a distinção entre os sexos, há a recusa da realidade, e mantém essa lógica no campo do imaginário. O sujeito perverso se recusa a aceitar a lei do pai simbólico, dessa forma não ocorre a passagem do ser ao ter, e não é aceito a castração. O desejo do sujeito perverso não é redirecionado e isso acarreta a consequência do sujeito não se constituir enquanto desejo do desejo do Outro, como um ser desejante. Diante dessa dinâmica o sujeito psicótico “trava uma guerra” para mostrar que o que deve prevalecer é a sua lei e não a lei do outro, para isso ele utilizasse do desafio e a transgressão (DOR, 1991b).

Através da denegação o sujeito não aceita a distinção existente entre os sexos, mas esse mecanismo de defesa não pode ser instaurado se o sujeito não reconhecer o desejo da mãe pelo pai. O sujeito não poderia negar algo se ele não mantivesse o saber da existência desse algo, dessa forma o sujeito perverso sabe da existência da lei, mas não a aceita. Diante disso, o sujeito cuja estrutura psíquica é a perversão considera que há diferença entre os seres do sexo feminino e masculino, mas recusa a significação disso, cuja principal consequência é que essa distinção assuma o agente significante do desejo (GARCIA-ROZA, 1996).

Então, o sujeito perverso acata a angústia de castração, mas com o intuito apenas de transgredi-la, sendo este correlacionado com o que se denomina de desafio, como por exemplo, usando do fetiche. Assume uma posição proporcional entre a intencionalidade do desafio, que também acopla a transgressão, com a necessidade de reconhecimento dessa lei, é como se o sujeito perverso, em termos de senso comum, gostasse de fazer aquilo que é colocado como proibição. A interdição tem como proveniência a diferença entre os sexos e a representação de alguém que interdita o incesto (DOR, 1991a).

3.3 A FANTASIA (EN)CENA: DISCUTINDO SOBRE O MANEJO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA DA PERVERSÃO

Pensar no desejo do analista, é antes de qualquer coisa pensar sobre a transferência e, conseqüentemente, na contratransferência. Nessa perspectiva, a transferência é um ponto precursor para que o sujeito adentre em uma análise, segundo Maurano (2006), a transferência

está relacionada a um suposto saber, isso é possível quando o analisando investe um saber ao analista. Entretanto, sem esse investimento, não é possível que a transferência evolua, com isto, impossibilita que aconteça uma análise, pois esta somente será plausível por meio da transferência. Quinet (2009, p. 26), aponta para uma transferência de saber, em que se trata de um engano dado aos analisantes por pensarem que o analista tem um saber suposto, esse é um erro cometido a todo início de análise o que acaba sendo uma consequência da transferência. Dito nas palavras do autor “essa subjetividade [erro] correlata ao saber como efeito constituinte da transferência é o que Lacan formulará como *sujeito suposto saber*”.

O estabelecimento de uma transferência é importante para que uma análise tenha seu início, esse é um requisito da função transferencial nas entrevistas preliminares. A transferência não depende ou é incitada pelo analista, muito pelo contrário, essa função deve estar ao lado do analisando, visto que o analista deve, nesse sentido, ter uma posição que o faça saber manejar ou utilizar essa transferência. Quando o sujeito inicia uma análise, este acredita veemente que o analista tem as respostas, ou o conhecimento sobre a sua demanda, em outras palavras, supõe um saber a figura do analista. No entanto, essa associação a pessoa do analista acaba sendo a porta de entrada do sujeito na análise e, conseqüentemente, a sua inserção a transferência (QUINET, 2009).

A contratransferência, por outro lado, é tratada na análise antes mesmo de se pensar na transferência. Por esse motivo, é relevante enfatizar de antemão, o analista e sua análise pessoal, devido à possibilidade de poder ter questões inconscientes que não foram analisados por quem direciona o tratamento. Essa perspectiva equivocada pode ser um aspecto prejudicial para a condução daquele que exerce a psicanálise, podendo, nessas condições, ocasionar prejuízos a vida do analisando e também ao que diz respeito a direção do tratamento. Dessa forma, quando algo a nível do inconsciente não é analisado, o que está oculto, continua oculto, podendo fazer com que o analista não tenha controle dos seus impulsos libidinais, provocando um resultado não evidente no que condiz a sua intervenção (LACAN, 1992).

Sendo assim, falar sobre análise é falar sobre resistência e esta é uma condição que está sempre ao lado do analista. Nisto, a resistência consiste em uma fonte crucial no desenvolver do trabalho de análise e necessita ter um olhar mais assíduo, pois a mesma é uma consequência do que podemos denominar de recalque, por assim dizer, a resistência surge devido aos conteúdos que foram recalcados, uma vez que, o analista cede a resistência que vem do analisando e não faz uma escuta a não ser esta, isso implicará para o que fora recalcado não retorne e assim estarão indo juntos ao campo da resistência tanto o analisando quanto o analista. Seguindo nessa mesma linha de raciocínio, Lacan enfatiza que a resistência é uma consequência

da própria análise, sendo assim, o trabalho de análise tem como ponto marcante produzir uma espécie de “desrecalcamento”. A vista disso, tem-se a questão da associação livre que propõe uma estratégia que incitar, ou melhor, que faça com que o analisando desenvolva um discurso mediante o que foi recalcado (JORGE; FERREIRA, 2005).

Quanto ao que se refere a ética do desejo, geralmente denominado de desejo do analista, de acordo com Fink (2018), o analista desempenha um papel em que não apresenta seus reais sentimentos no setting analítico, isto é, não se caracteriza de forma “autêntica”, representando uma não verbalização dos seus sentimentos e motivações mais íntimo, como é visto de um sujeito a outro em uma conversação. Nessa perspectiva, é importante que o analista possa manter uma postura desejante, tal desejo deve incitar que o analisando fale, associe, fantasie, sonhe e elabore independente do que o analista sinta, é recomendado que o mesmo mantenha esse desejo, essa postura de fundamentação essencialmente analítica, tanto na situação na qual não se sinta muito estimulado pelo analisando quanto o contrário disso.

O “desejo do analista” é uma espécie de desejo puro, que não pousa em nenhum objeto particular, que não mostra ao analisando (a pessoa engajada em se analisar) o que o analista quer dele – embora seja quase inevitável o analisando tentar ler um desejo específico até na mais ínfima intervenção ou interpretação (FINK, 2018, p. 16).

Ainda nesse viés, Fink (2018), ressalta que o desejo do analista deve se concentrar apenas e tão somente na análise, podendo enfatizar que esse desejo não está endereçado em uma expectativa a respeito do que o analista queira que aconteça com o analisando, mas se trata de um desejo essencialmente misterioso, enigmático. Deste modo, em um trabalho de análise não é o analista que analisa, e sim o próprio analisando, isto é, o mesmo possui a autonomia para produzir e (re)produzir elaborações a respeito do que é dito no setting analítico, e é por meio do desejo do analista que é possível que o analisando exceda o desejo de nada saber, mantendo todo o trabalho de formular, mesmo que de forma dolorosa, suas elaborações ou novos conhecimentos.

Conforme Quinet (2009), explicita concernente as entrevista preliminares que, estas são três etapas imprescindíveis da análise, bem como o sintoma, a transferência e o diagnóstico, este último desempenha, no ponto de vista laciano, um momento crucial, pois além de direcionar uma abordagem ao terapeuta também se trata de uma forma de situá-lo na transferência e nas formas de intervenção, sabendo que a estrutura clínica do sujeito é o que fará com que o analisando tome uma posição subjetiva diante a sua linguagem e do analista.

No que tange a direção do tratamento na clínica da perversão, esta toma uma direção de tratamento distinto das outras duas abordagens neurose e psicose. Na perversão, em suma,

acontece uma recusa da castração, o sujeito é inscrito na Lei paterna, reconhece a lei, no entanto, a recusa, nega a castração, diferente do neurótico que é inscrito na castração, mas recalca e o psicótico que já não ocorre a inscrição do Nome-do-pai, quer dizer, há uma forclusão (BASÉGIO; ROSA JUNIOR, 2017).

Em seu ato perverso o sujeito faz do outro sua vítima restituindo o objeto que falta para desmentir que o Outro seja castrado, restituindo o gozo do Outro. E é justo nesse “ponto” que podemos encontrar uma diferença radical entre a neurose e a perversão – a posição do sujeito frente ao gozo (MARTINHO, 2011, p. 139).

Como aponta Dor (1991), a marca estrutural da perversão diz respeito ao desejo do perverso em colocar em desafio a lei paterna, provocando, dessa forma, uma rivalidade com o pai (suposto detentor do falo). No perverso, a negação da lei paterna, abre caminhos para o estabelecimento de uma lei própria que é a do seu desejo. Por isso que diante da castração o perverso a denega, devido a sua dificuldade em lidar com a mesma. Essa denegação, entendido como mecanismo de defesa dessa estrutura, favorece a negativa da distinção dos sexos.

Dessa forma, o fetiche engloba três elementos de defesa: primeiro; permite não renunciar o falo, segundo; se proteger da angústia de castração e terceiro; permite ao fetichista de se relacionar com mulheres mesmo possuindo o falo, ou seja, desviando o homem de adotar uma conduta homossexual. No entanto, tal processo leva o fetichista a clivagem do Eu, ou seja, o sujeito se ver em duas posições: 1; o reconhecimento da ausência do falo na mulher e 2; a denegação (recusa) desse reconhecimento. Onde essa situação levaria o sujeito a “quebra” ou “fragmentação” do eu, pois a nível de processos psíquicos não há como favorecer duas instâncias, por exemplo, Id, Ego ou SuperEgo, sem nenhuma consequência (DOR, 1991a; FREUD, 2007).

É digno de nota que algumas estruturas clínicas passam a não serem mais alteradas depois de certa idade, nesse sentido, no caso da perversão ou até mesmo psicose, é interessante que seja trata desde a infância para que possa acontecer alguma alteração, pois é na infância que o ser humano irá se constituir enquanto sujeito, mediante a posição da sua linguagem, no entanto, na estrutura perversa caso não seja tratado desde quando se tem uma suspeita, será cada vez mais dificultoso minimizar as consequências da estrutura vigente na vida adulta. De acordo com Fink (2018, p. 207), ressalta que “a função paterna tem de atuar numa certa idade, se não... (ou pior)”.

No contexto do setting analítico, é notório que o sujeito perverso queira chocar as pessoas com o que o mesmo faz o fala ou demonstre, é importante que o analista, não fique chocado com o que o analisando fale ou exhiba, ou mesmo que tenha curiosidade diante do quão

extraordinário seja o que se escuta do perverso. O analista deve direcionar o tratamento também para a posição de sujeito do perverso, o mesmo deve ser analisado com relação a pulsão e não com o sintoma (BASÉGIO; ROSA JUNIOR, 2017).

Lacan (1995), no que se refere ao ato de ver e dar a ver, afirma que o exibicionista faz demonstrar o olhar frente ao campo do Outro, portanto, o perverso goza do Outro. Aqui, o gozo emerge como um ato para não lidar com a falta, o que o faz buscar um objeto para tal feito. Na cena de exibição, o perverso procura demonstrar o que possui, ao passo que tenta afirmar o que outro não possui, todavia, isto o faz se inserir na vergonha diante daquilo que não tem.

É assim que, num grau superior ao ver e ser visto, a dialética imaginária resulta num dar-a-ver e ser surpreendido pelo desvelamento. [...] A técnica do ato de exhibir consiste, para o sujeito, em mostrar o que ele tem, precisamente na medida em que o outro não tem (LACAN, 1995, p. 277). [...] O que está em questão, tanto na fantasia do exibicionista como na do voyeur, é um elemento terceiro, que implica que pode surgir no parceiro uma consciência cúmplice que recebe o que lhe é dado ver – que aquilo que o expande em sua solidão, aparentemente inocente, se oferece a um olhar oculto – que, assim, e o próprio desejo que sustenta sua função na fantasia, que vela para o sujeito seu papel no ato – que o exibicionista e o voyeur gozem, de alguma maneira, vendo e mostrando, mas sem saberem o que veem e o que mostram (LACAN, 1992, p. 300)

Cabe mencionar que a transferência na estrutura perversa é possível de acontecer contanto que o sujeito esteja imerso na linguagem, assim sendo, a transferência pode ser tornar para o perverso, na direção do tratamento como um instrumento a seu favor, um instrumento de gozo, pois como podemos evidenciar os perversos não tem nenhum pudor ou resistência em falar durante uma sessão, e o mesmo traz a sua fala de forma detalhada. O sujeito perverso tem a intenção de afetar o outro de forma agressiva, e um dado interessante sobre o tipo clínico do exibicionismo é que o mesmo acredita que essa agressividade ao outro é um ponto marcante do gozo, especialmente, para o Outro (BASÉGIO; ROSA JUNIOR, 2017).

Afirma Ferraz (2010), que a atuação do psicanalista deve está relacionada a atuação ou exibição das fantasias inconscientes no momento da transferência, sendo papel do mesmo sustentar de forma ética os conteúdos e encenações expressados pelo perverso. Em síntese, o objetivo do analista na clínica da perversão deve atuar como historiador da e na análise, consequentemente, fazendo o sujeito perverso ponderar sobre suas tramas sexuais e sobre aquilo que ele nega, a castração. A escuta ao sujeito perverso envolve uma comunicação de caráter inconsciente direcionada pelo analisando, cabendo ao analista sustentar eticamente os conteúdos trazidos pelo perverso. Portanto, quando o perverso se inclina a encenação do saber fazer gozar, é fundamental que o analista sustente o jogo perverso em que o analista é tido como parceiro, sustentando, assim, enquanto historiador e se usando da trivialização na transferência, almejando que o perverso reflita sobre suas encenações e sobre aquilo que o protege da angústia.

Portanto, na clínica da perversão é necessário que o analista se utilize de forma demasiada a ética da psicanálise em que é baseada na neutralidade e abstinência. No entanto, deve se atentar que a exigência de tal ética não se pode comparar com a perversidade observada na perversão presente no paciente. Assim, o analista deve ter uma importante cautela da direção do tratamento, mantendo uma postura delicada para que nenhuma intervenção venha a colocar em risco a si e o analisando, sendo assim, se faz necessário uma compreensão acerca dos limites que deve impor a respeito dos comportamentos para se manter no trabalho de análise (FERRAZ, 2010).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeira colocação, os estudos permitiram a pesquisadora um maior contato com os pressupostos teórico-metodológicos da psicanálise, sobretudo, aqueles no que tange a clínica psicanalítica da perversão. É importante destacar que o conceito de perversão, no decorrer da história, esteve imbuído de entendimentos moralistas e estigmatizantes, entretanto, com as problematizações abordadas pela psicanálise, a perversão ganhou novos significados. Como se observou, a perversão pode ser entendida em duas perspectivas, a saber, uma enquanto um aspecto natural da sexualidade do sujeito no qual é denominada de perversão polimorfa abordada por Freud, e outra em um sentido de estrutura como afirma Lacan.

É preciso enfatizar que as leituras realizadas possibilitaram estabelecer diálogos produtivos, assim, a sua construção permitiu, além de uma aproximação teórica, um vínculo também relacional para com a teoria psicanalítica. Pois, se percebe, que a leitura nos afeta em dimensões e contextos que somente toma-se conta no tempo de conclusão. No entanto, a construção do estudo não é um aprendizado que dar-se tão somente por vias de leitura, escrita e aquisição de conhecimento, mas a construção de um saber que acontece na experiência.

Deste modo, ler e escrever sobre os pressupostos psicanalíticos é adentrar em dimensões que envolvem o próprio desejo de quem realiza a leitura e escrita, pois parece representar um movimento dinâmico que se constitui pelas beiradas do conhecimento. Partir disso é se introduzir numa perspectiva de que o saber acontece na insuficiência (falta), no confronto entre uma resistência e existência, como se ambas as vias fossem contínuas ou se complementassem. Assim, o que se quer elucidar é que o estudo sobre a teoria psicanalítica é, sobretudo, um estudo sobre o sujeito em relação ao saber sobre uma experiência.

Essas indagações representaram pontos essenciais que nortearam o estudo presente, já que falar sobre a clínica em psicanálise é adentrar no campo da experiência. Por meio disso, e apesar de ser uma produção bibliográfica, foi percebido que escrever sobre perversão e a

direção do tratamento se perpetua enquanto um desafio, justamente por não haver uma extensão literária a seu respeito. Todavia, a ausência de uma vasta bibliografia é compreensível, dada as dificuldades do sujeito perverso em buscar tratamento analítico.

Concernente ao setting analítico, frente a demanda do sujeito perverso, compete ao analista se fundamentar na ética do desejo e transferência, sem respondê-las. O analista, diante dessas demandas, precisa atuar enquanto um historiador da e na análise, afim de permitir que o perverso reflita a respeito de suas tramas sexuais e lide com a castração.

Portanto, através das elucidações a presente pesquisa atendeu a proposta colocada inicialmente, dessa forma, pode contribuir para um maior entendimento sobre a clínica psicanalítica da perversão e a sua direção do tratamento. Espera-se que com os estudos realizados, este possa ser um marco inicial para o desenvolvimento de outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

BASÉGIO, F. L.; ROSA JUNIOR, N. C. S. F. A perversão enquanto estrutura e sua incidência na transferência. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 29, n. 1, p. 65-70, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/fractal/a/6nYjDcxJ5D3FbYbLW5KNnNC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 02/06/2022.

COSTA, T. **Édipo: psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

CORRÊA, C. P. Perversão: Trajetória de um conceito. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 29, p. 83-88, set, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372006000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15/04/2022.

DOR, J. **Estruturas e Clínica Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1991a.

DOR, J. **Estrutura e perversões**. Trad. Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artes médicas, 1991b.

ELIA, L. **O conceito de sujeito**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

FINK, B. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Editora Zahar, 2014.

FINK, B. **Introdução clínica à psicanálise lacaniana**. Jorge Zahar, 2018.

FIGUEIREDO, L. C.; MINERBO, M. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, jun, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010358352006000100017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25/03/2022.

FERRAZ, F. C. **Perversão (Coleção Clínica Psicanalítica)**. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

FREUD, S. As aberrações sexuais (1905). **In: Um Caso de Histeria, Três Ensaios sobre Sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. O Fetichismo (1927). **In: Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Vol.3. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2007.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Vol. 4, Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o Inconsciente**. 23 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

JORGE, M. A. C; FERREIRA, N. P. **Freud criador da psicanálise**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.

JORGE, M. A. C. FERREIRA, N. P. **Lacan, o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2008.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**, vol 3: A prática analítica. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2017.

JULIEN, P. **Psicose, perversão e neurose: a leitura de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003. 207 p.

LACAN, J. **O Seminário, livro 11: Os conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Seminário original proferido em 1964)

LACAN, J. **O Seminário, livro 8: A transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. **O Seminário, livro 4: a relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. livro 4.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 5ª.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARTINHO, M. H. C. **Perversão: um fazer gozar**. 2011. 339 f. Tese (Doutorado em Psicanálise). Instituto de Psicologia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_6ca44db0c95e72054683e53f846631a6>. Acesso em: 02/06/2022.

NASIO, J. D. **Lições sobre os sete conceitos cruciais em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

QUINET, A. **A descoberta do inconsciente: Do desejo ao sintoma**. 4ª. ed. Editora Zahar, 2000.

QUINET, A. **As 4 + 1 condições da análise**. 12ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1998.